

Antonio Cruz



COMÉRCIO LOJISTA

Inadimplência cresce no Rio em 2013

A inadimplência no comércio lojista da Cidade do Rio de Janeiro aumentou 1,8% no primeiro semestre do ano (janeiro/junho) em relação ao mesmo período em 2012, segundo o Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro. Nesses seis meses, as dívidas quitadas e as consultas aumentaram, respectivamente, 3,4% e 0,4%, em relação ao mesmo período de 2012. Redação

Economia - Brasil

Pessimismo demais nas análises

Segundo economistas, cenários catastróficos desenhados para o País supervalorizam dados negativos recentes

Gustavo Machado

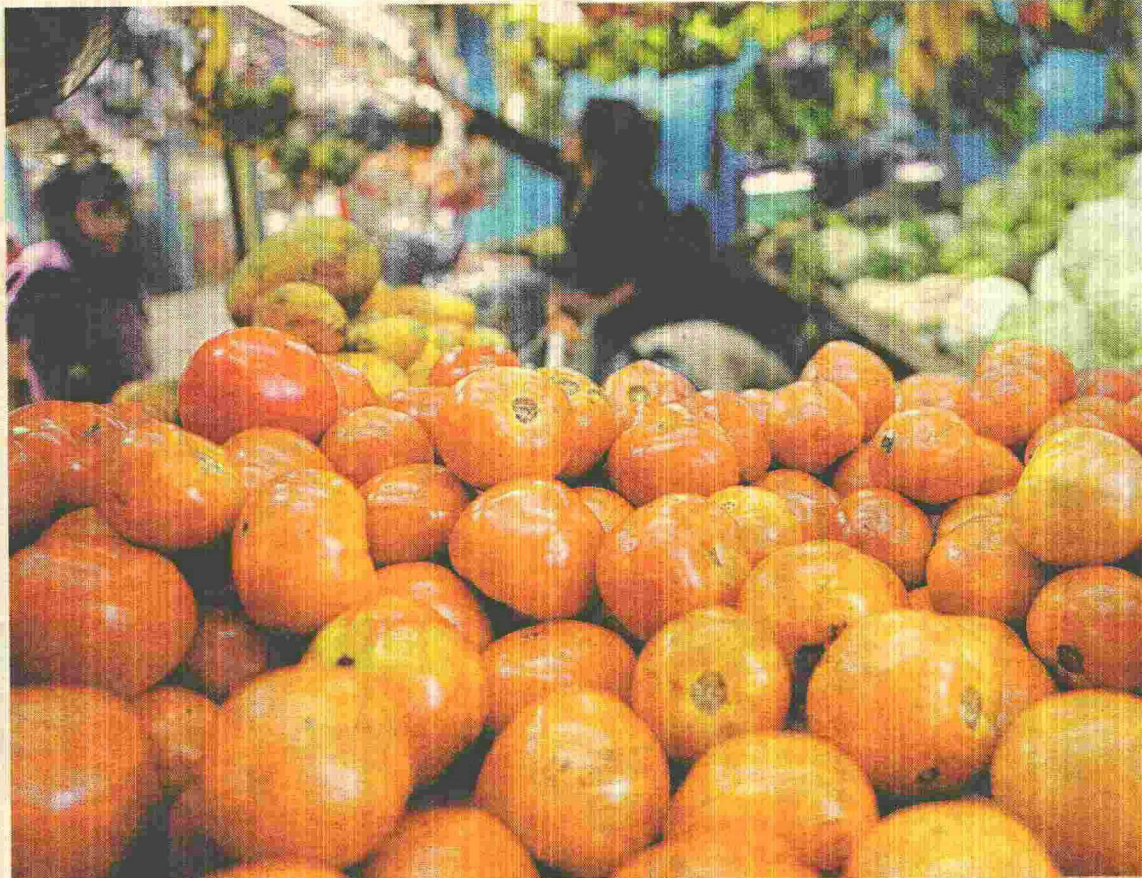
gmachado@brasileconomico.com.br
São Paulo

Uma onda de pessimismo tomou economistas e analistas do mercado financeiro depois da divulgação de dados e de acontecimentos que tornaram o mês de junho um dos mais conturbados da história recente do País. Há quem afirme que 2013 pode terminar com um crescimento pífio — tal qual o de 2012 — e que a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) de 2014 pode ser pior que a deste ano. Mas será esse pessimismo justificável? Na opinião de economistas consultados pelo **Brasil Econômico**, não. O principal erro, segundo eles, é o excesso de relevância dada a indicadores negativos e a subvalorização dos positivos.

Para Carlos Thadeu de Freitas Gomes, economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC) e ex-diretor do Banco Central, o ano de 2013 é de ajustes, seja no mercado de trabalho ou na recuperação dos investimentos. Embora o País ainda careça de uma sintonia entre Ministério da Fazenda e BC, diz ele, as bases para que o país cresça mais em 2014 estão sendo fundamentadas.

“O mais importante é o processo de retomada da economia. Crescemos 0,9% em 2012, e cresceremos talvez 2% neste ano. Para mim, é claro que em 2014 este processo continuará. E o melhor, com uma nova queda da taxa básica de juros”, afirma.

Para Gomes, dois fatores permitirão que o país permaneça crescendo no futuro: a relação entre dívida líquida e PIB, que continua a diminuir, e os investimentos estrangeiros diretos, que se mantêm em patamar semelhante aos dos últimos anos. “Traçar o desempenho da economia a partir do dado isolado do PIB é simplista. Além disso, a inflação, que era uma das preocupações, dá sinais de que a queda pode ser maior que a esperada. Falta con-

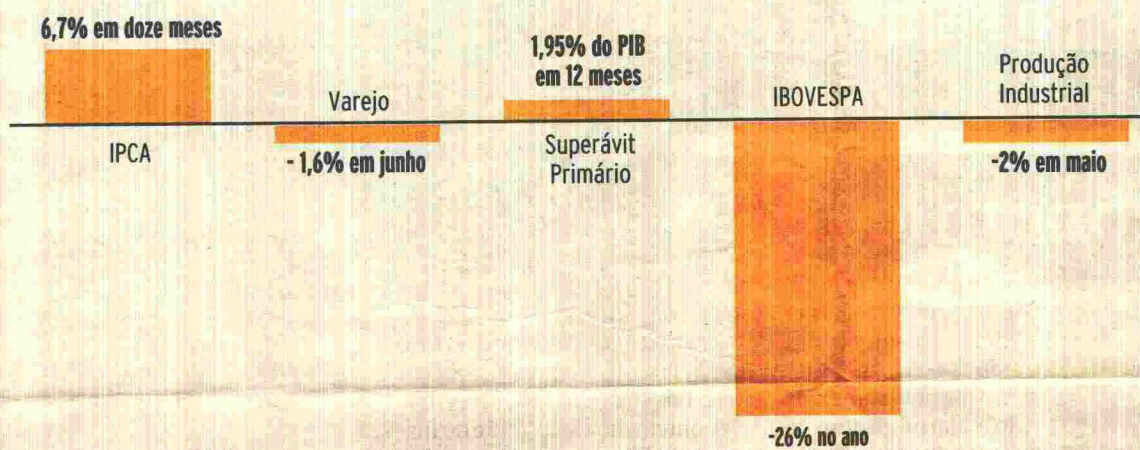


Inflação do tomate, preocupante no início do ano, caiu quase 50% em dois meses, segundo a FGV.

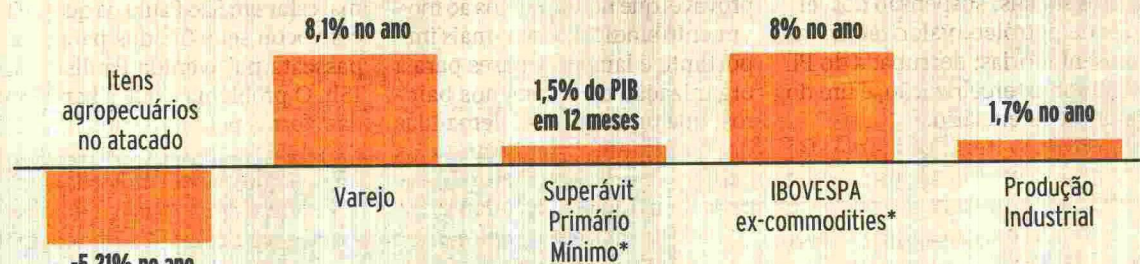
PORQUE A CARA FECHADA?

Será que o mau humor do mercado é justificável ou estão olhando apenas para o que querem?

Motivos do pessimismo



Desfazendo mitos



* economia mínima feita pelo governo para que a relação dívida líquida/PIB diminua
* principal índice sem empresas de setores ligadas a commodities

Fontes: IBGE, FGV, Serasa, BM&Fbovespa e Brasil Econômico

Há quem afirme que 2013 pode terminar com crescimento inferior a 2% e que a expansão do PIB em 2014 pode ser pior do que a deste ano, iniciando um processo de desaceleração

fiança do mercado nas autoridades econômicas”, diz.

André Perfeito, economista-chefe da Gradual Investimentos, diz que seus colegas, em geral, estão revisando fortemente seus cenários, tendo em vista um mês excepcionalmente ruim. Eventos atípicos, como as manifestações, estão recebendo um peso maior do que deveriam, em sua opinião. “A chance é grande que os economistas errem particularmente duas projeções: a de PIB para 2014 e de câmbio para 2013. No PIB do ano que vem, os economistas entendem que o mau humor com a economia brasileira vai continuar, o que nitidamente não é verdade”, avalia.

Uma das críticas recorrentes entre os pessimistas, a política fiscal descontrolada, desenha um horizonte nebuloso para o País. E o número de ministérios, 39, também é outro alvo de reclamação. No entanto, o gasto total do governo federal, de 18% do PIB, é praticamente todo consumido por previdência, saúde, educação e programas sociais, apontam economistas. Uma suposta eficiência fiscal poderia representar, no máximo, uma economia em torno de 4% do PIB ao longo de muitos anos de esforço.

José Márcio Camargo, economista-chefe da Opus Consultoria possui uma visão crítica sobre a economia brasileira atual. Ele diz que há um ambiente propício ao desinvestimento. A queda da produção industrial — 2% em maio — e no varejo — 1,6% em junho — são catalizadores deste processo. “Não vejo sinal positivo neste momento. Temos um ministério da Fazenda praticando uma política fiscal ruim e um Banco Central descredenciado. Interferências no mercado também são sinais de populismo. Comecei o ano já pessimista, prevendo alta de 2,5% do PIB. Agora estou revisando para menos de 2%. Talvez só em 2014 o País volte a crescer mais do que isso”, complementa.

Dois fatores dão condição para que o país continue a crescer no futuro: a relação entre dívida líquida e PIB, que continua a diminuir, e os investimentos estrangeiros diretos